

# ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO PARA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA

## RESUMO

Diariamente, muitas mulheres são vítimas da violência obstétrica que se caracteriza como qualquer tipo de violência, exercida por profissionais de saúde, durante a gestação, parto e puerpério. Esta forma de violência é resultado de uma atenção desumanizada na qual se evidencia o abuso de ações intervencionistas, medicalização, transformação de processos fisiológicos, que incluem maus tratos físicos, verbais e psíquicos. Este estudo de revisão integrativa da literatura tem o objetivo geral de descrever sobre as ações do enfermeiro para prevenção da violência obstétrica. Um fator que pode contribuir para a ocorrência de violência obstétrica é a falta de conhecimento do profissional e o pouco domínio. Demonstra ser relevante que a equipe de enfermagem ofereça condições adequadas a mulher, possibilitando que ela se sinta à vontade. Também é importante que o ambiente seja confortável e que sejam fornecidas as informações necessárias. Durante a assistência de enfermagem, o profissional deve ouvir a parturiente, respeitando seu momento e seu tempo para a tomada de decisões, sua autonomia e o direito de permanecer com um acompanhante de sua escolha durante toda a sua internação. Cabe ressaltar que todos os resultados encontrados nesta revisão integrativa demonstraram a importância das ações do enfermeiro na assistência ao pré-natal e parto para a redução da violência obstétrica o que para muitos autores, pode ser obtida a partir da realização de práticas educativas direcionadas ao profissional. Também reforçam a importância da mulher estar consciente do seu papel garantindo sua autonomia e participação efetiva nesse processo. Vale ressaltar a necessidade da realização de outros estudos que também focalizem o tema abordado complementando com novos resultados o que foi encontrado.

**Palavra-chave:** Violência Obstétrica. Enfermagem Obstétrica. Humanização. Cuidados de Enfermagem. Gestantes.

## ABSTRACT

On a daily basis, many women are victims of obstetric violence, which is characterized as any type of violence exercised by health professionals during pregnancy, childbirth and the postpartum period. This form of violence is the result of a dehumanized care in which the abuse of interventionist actions, medicalization, transformation of physiological processes, which include physical, verbal and psychological abuse, is evident. This integrative literature review study has the general objective of describing the actions of nurses to prevent obstetric violence. A factor that may contribute to the occurrence of obstetric violence is the professional's lack of knowledge and lack of mastery. It proves to be relevant that the nursing team offers adequate conditions to the woman, allowing her to feel at ease. It is also important that the environment is comfortable and that the necessary information is provided. During nursing care, the professional must listen to the parturient woman, respecting her moment and her time for decision-making, her autonomy and the right to remain with her. a companion of your choice throughout your hospitalization. It should be noted that all the results found in this integrative review demonstrated the importance of nurses' actions in prenatal care and childbirth to reduce obstetric violence, which for many authors can be obtained from carrying out educational practices aimed at professionals. They also reinforce the importance of women being aware of their role, guaranteeing their autonomy and effective participation in this process. It is worth emphasizing the need to carry out other studies that also focus on the topic addressed, complementing what was found with new results.

**KEYWORDS:** Obstetric Violence. Obstetric Nursing. Humanization. Nursing care.

## INTRODUÇÃO

No passado, o partejar era realizado somente por comadres, curandeiras e parteiras que possuíam conhecimento do processo de parto e puerpério, adquiridas do saber popular e vivências. Tratava-se de uma atividade desvalorizada pelo profissional médico, sendo deixado somente aos cuidados femininos. No século XVI, a partir da ascensão da intervenção médica foi possível observar uma promoção deste procedimento que passou a ser considerado como uma disciplina técnica e científica (CASTRO; ROCHA, 2020).

Desde então, o parto começou a ser realizado em nível hospitalar, passando a ser considerado como uma prática médica e com um olhar masculino, deixando de ser um conhecimento feminino, empírico, popular intuitivo e baseado em vivências (AMARAL et al., 2018). O profissional médico passou a determinar as ações referentes ao parto e neste novo cenário, foi possível observar o aumento no número de via nascimento cesariana a uma perda crescente da autonomia das mulheres, que também passaram a acreditar que o modelo assistencial obstétrico baseado nas instituições e suas intervenções era o mais apropriado (MELO et al., 2018).

Com isso, merece ser destacada a importância de se alcançar mudanças no cenário atual, em especial, no parto e nascimento, pois a garantia do acesso e a qualificação da

assistência prestada com a atuação de equipes multiprofissionais, nela incluída a enfermagem obstétrica/obstetiz associada a utilização de protocolos assim como o monitoramento de indicadores dos serviços e o financiamento acoplado ao alcance de metas são fundamentais para alcançar a humanização, redução da mortalidade e das diferentes formas de violência (LANSKY et al., 2014).

Diariamente, muitas mulheres são vítimas da violência obstétrica que se caracteriza como qualquer tipo de violência, exercida por profissionais de saúde, durante a gestação, parto e puerpério. Esta forma de violência é resultado de uma atenção desumanizada na qual se evidencia o abuso de ações intervencionistas, medicalização, transformação de processos fisiológicos, que incluem maus tratos físicos, verbais e psíquicos o que impacta negativamente na qualidade e no bem estar dessas mulheres (MARTINS et al., 2019).

Também pode ser definida como toda ação ou omissão que é direcionada à mulher durante o pré-natal, parto ou puerpério, e que provoque à mulher dor, sofrimento desnecessário ou dano, e ainda que seja praticada sem o seu consentimento explícito ou desrespeitando à sua autonomia. Com isso, pode-se afirmar que, se refere a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos das mulheres pelos profissionais de saúde, médicos e não médicos (KATZ et al., 2020).

Segundo Carvalho e Brito (2017) a violência obstétrica trata-se de qualquer ação capaz de produzir efeitos negativos tanto de caráter físico como psicológico que ocorrem no processo parturitivo. Ainda afirmam que, essa forma de violência que ocorre no âmbito das instituições de saúde e muitas vezes de forma sutil, além de causar violação de direitos de uma assistência humanizada e de qualidade, coloca em risco a integridade física e mental da mulher, em um momento que representa para ela e sua família, extrema importância e singularidade.

Com isso, pode-se afirmar que além de ser um problema de saúde pública, a violência obstétrica trata-se de uma questão de violação de direitos humanos. No Brasil, há excesso de cesarianas sem indicações clínicas, e a proporção de parto cesáreo na rede suplementar supera os valores da rede pública (ANS, 2020).

Entre as categorias diagnósticas relacionadas à gestação, ao parto e ao puerpério, o parto vaginal sem diagnósticos complicadores (DRG 775) foi a mais prevalente no atendimento público (45,8%). Já na saúde suplementar, a cesariana sem complicações ou comorbidades presentes à admissão (DRG 766) foi a mais prevalente (49,6%)

Destacam-se as ações que podem ser realizadas pelo enfermeiro. O Ministério da Saúde compreende que o enfermeiro obstetra é essencial na assistência ao parto, e as mulheres que são assistidas e acompanhadas por enfermeiros qualificados recebem menos anestésias, menor número de partos instrumentais ou qualquer outra intervenção

desnecessária (GUEDES et al., 2017).

Nesse contexto, também merece ser destacada a relevância da prevenção quaternária definida como o conjunto de atividades que são empregadas com a finalidade de identificar pessoas que se encontram em risco de hipermedicalização com a finalidade de reduzir as intervenções desnecessárias ou excessivas e, conseqüentemente as iatrogenias. Desta forma, a prevenção quaternária trata-se da busca por não lesar, reconhecido como um dos fundamentos que orientam as práticas de saúde (SOUZA; CASTRO, 2014).

Cabe ressaltar que, a prática da prevenção quaternária não se dissocia da prática baseada em evidências científicas, da humanização do parto e do combate à violência obstétrica. Assim, o enfrentamento da violência obstétrica necessita ser encarado como uma questão prioritária, uma vez que, esta forma de violência representa a desumanização do cuidar e uma das formas de perpetuar o ciclo de opressão feminina pelo próprio sistema de saúde (SOUZA; CASTRO, 2014).

Quando o pré-natal não é feito de forma adequada e a assistência de enfermagem não é qualificada, pode aumentar o medo, a insegurança e as dúvidas das mulheres, e principalmente a submissão das mesmas ao excesso de protocolos de muitas instituições, aumentando a probabilidade de acontecimentos de violência obstétrica, citando como exemplo, manobra de kristeller, episiotomia, não permitir a presença do acompanhante, não permitir que a gestante tenha liberdade de movimentos e escolha da melhor posição de parir, agressões verbais, recusa da admissão das gestantes em maternidades, jejum forçado, excesso de exames de toques, dentre outros, o que pode gerar sentimentos de frustrações e insucesso em relação ao seu parto (LIMA et al., 2021; VARGENS; ALEHAGEN; SILVA, 2021).

Nesse sentido, ainda pode-se afirmar que o trabalho de parto e parto por vezes torna-se um local de disputa entre um momento de protagonismo e exclusivo da mulher com a tecnologia científica, que a partir de saberes transforma esse momento único em um advento hospitalar, colocando a mãe apenas em condição de paciente. Assim, a violência obstétrica se configura como a apropriação do corpo da mulher e de seus processos reprodutivos pelos profissionais de saúde, levando a perda de autonomia, uma vez que, priva a mulher de decidir sobre seu corpo e sua sexualidade (OLIVEIRA; ALBUQUERQUE, 2018).

Assim, pode-se afirmar que a gestação e o parto são momentos no qual encontram-se envolvidos processos biológicos, emocionais e psicológicos que envolvem a participação de diversos atores, de maneira direta ou não. Entretanto, nesse momento único para a mulher, por vezes observa-se a apropriação do corpo e dos processos reprodutivos que levam a perda de autonomia da parturiente, uma vez que, não lhe é permitido decidir livremente sobre seu corpo. Diante desse contexto, faz-se importante o seguinte

questionamento: qual a atuação do enfermeiro frente a violência obstétrica?

Este trabalho justifica-se devido a violência obstétrica fazer-se presente no atendimento à mulher que está no pré-parto, parto e pós-parto, demonstrando ser relevante a realização de estudos que abordem sobre a violência obstétrica, pois podem contribuir para a identificação dos desafios que podem ser enfrentados pelo profissional, ferramentas que podem ser utilizadas para favorecer a humanização e prevalecer o direito da mulher além de destacar como as ações desse profissional são essenciais para favorecer o alcance de melhores resultados.

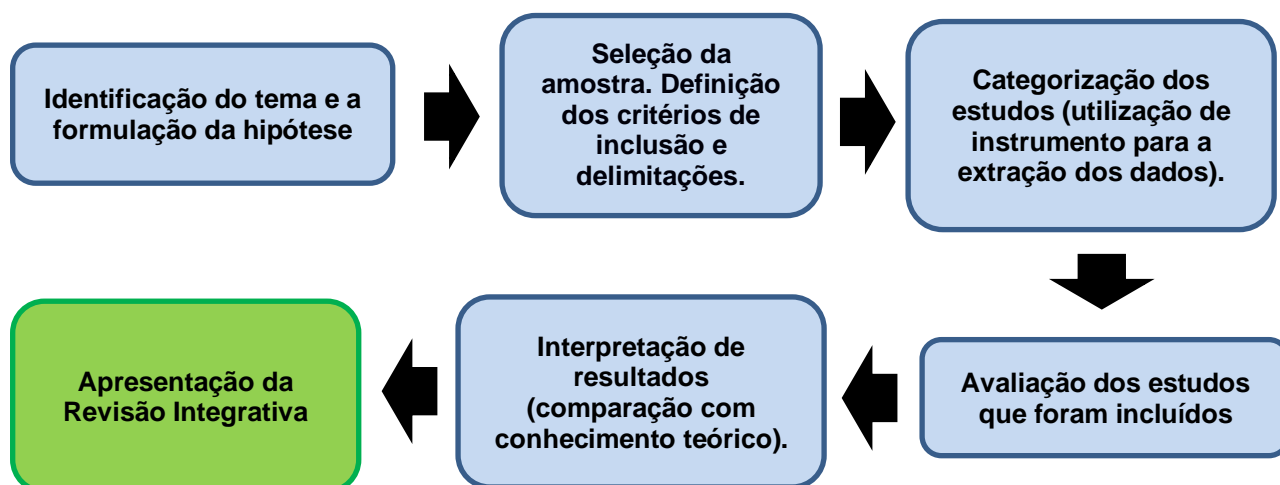
Desta forma, este estudo tem como objetivo geral descrever sobre as ações do enfermeiro para prevenção da violência obstétrica.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão integrativa, um trabalho do tipo exploratório descritivo, não experimental, de forma a propiciar a síntese das pesquisas disponíveis em relação ao tema escolhido, direcionando para a obtenção do objetivo determinado.

A revisão integrativa da literatura é um método de investigação que possibilita a procura, uma avaliação crítica assim como a síntese das evidências que encontram-se disponíveis em relação ao tema investigado, resultando no produto final que é o estado do conhecimento e a implementação de intervenções que são efetivas para a prestação de cuidados. Também permite a identificação de fragilidades, que poderão conduzir para o desenvolvimento de futuras investigações. Ainda em relação a importância da adoção da revisão integrativa, pode-se afirmar que este método de pesquisa é capaz de proporcionar dados relevantes relacionados a um determinado assunto facilitando o conhecimento de dados atualizados além de facilitar as mudanças na prática clínica (SOUZA et al., 2017). A estratégia utilizada para a seleção de artigos foi apresentada no fluxograma 1.

**Fluxograma 1:** Estratégia de busca utilizada na base de dados da BVS.



Fonte: (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A busca das referências bibliográficas nesta pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) a partir das palavras chave “violência obstétrica”, “enfermagem obstétrica”, “humanização”, “Gestantes” e “cuidados de enfermagem”. Cabe ressaltar que a definição dos descritores a serem utilizados ocorreu inspirada na estratégia PICO (Patient/population/disease; Intervention or issue of interest; Comparison, Intervention or issue of interest; Outcome) conforma apresentado no Quadro 1.

**Quadro 1** - Estratégia PICO, DeCS em português e espanhol e MeSH terms, 2022.

Estratégia PICO			Decs em português	Decs em espanhol	Decs em inglês
PICO	Variáveis	Componentes			
P	População	Gestantes	Gestantes	Mujeres Embarazadas	Pregnant Women
I	Interesse	Violência Obstétrica e Humanização	Violência obstétrica	Violencia Obstétrica	Obstetric Violence
Co	Contexto	Cuidados de Enfermagem e Enfermagem Obstétrica	Cuidados de Enfermagem; Enfermagem Obstétrica	Atención de Enfermería; Enfermería Obstétrica	Nursing Care; Obstetric Nursing

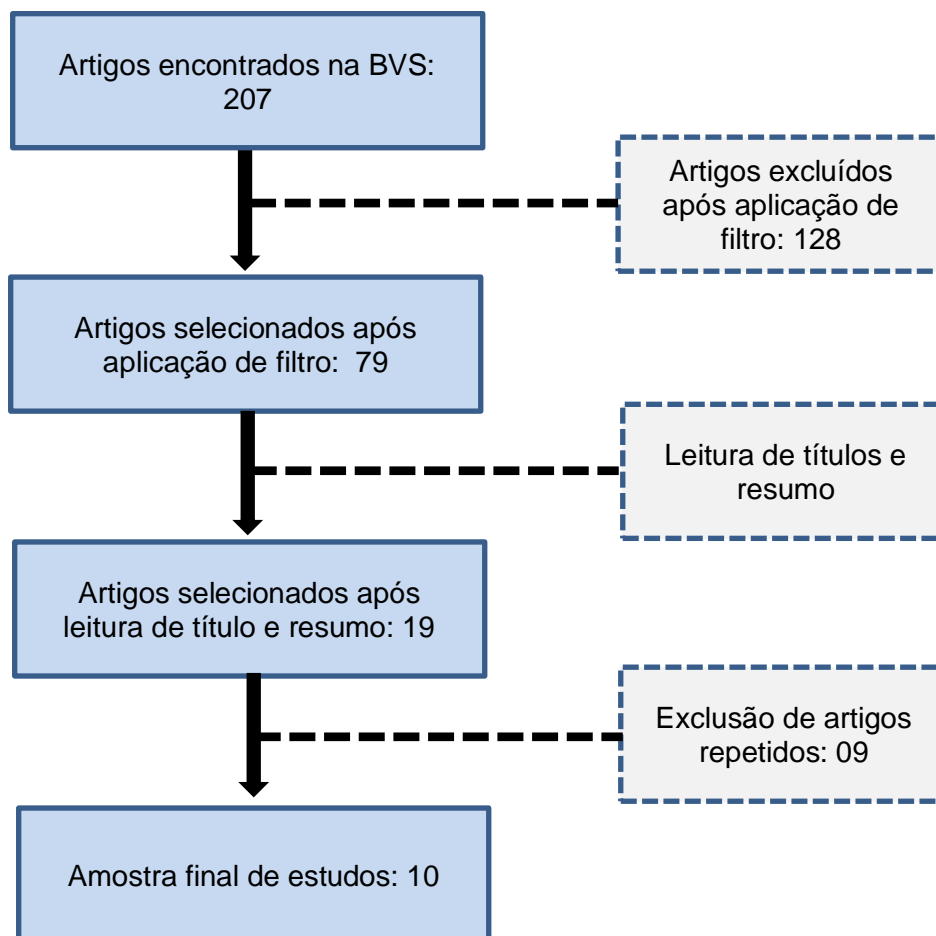
Fonte: Dados do Estudo, 2022.

Foi utilizado um recorte temporal de 5 anos (2017-2022) e estabelecidos como critérios de inclusão: texto completo, idioma português, artigos que possuíam relação com o tema e que atendiam aos objetivos propostos. Foram excluídos todos os artigos fora do recorte temporal estabelecido, disponibilizados em língua estrangeira e não disponibilizados na íntegra e que não atendiam ao objetivo do estudo.

Ao todo foram selecionados 207 artigos em uma busca inicial, a partir da combinação dos diferentes descritores restando após a aplicação dos filtros 79 artigos. Nessa amostra de 79 artigos foi realizada a leitura dos títulos e resumos restando 19 artigos.

Dos 19 artigos selecionados foi verificado que 09 se repetiam restando 10 artigos para a elaboração deste estudo. Foram selecionados 07 artigos a partir do cruzamento entre Enfermagem Obstétrica + Violência Obstétrica, 03 artigos a partir de Violência Obstétrica + Humanização + Cuidados de Enfermagem, 04 artigos a partir de Violência Obstétrica + Cuidados de Enfermagem, 05 artigos a partir de Enfermagem Obstétrica + Violência Obstétrica + Humanização + Cuidados de Enfermagem, gerando um total de 19 artigos. Após a exclusão dos 09 artigos que se repetiam na combinação de descritores restaram 10 artigos para a amostra final deste estudo. Esses resultados foram apresentados no fluxograma 2.

**Fluxograma 2 – Seleção dos estudos encontrados**



Fonte: Dados do Estudo, 2022.

Cabe ressaltar que os artigos escolhidos para a revisão bibliográfica contemplaram os objetivos e exploraram as respostas de como deve ser a atuação do enfermeiro frente a

violência obstétrica. Outros fatores pesquisados foram analisar as diferentes formas de violência obstétrica abordar sobre suas causas além de discutir quais as ações podem ser realizadas pelo enfermeiro para a redução da violência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor organização dos artigos e facilitar a análise, os artigos selecionados foram organizados (Quadro 2) por ordem mais recente de publicação, sendo inseridas informações como: ano de publicação, autores, objetivo e metodologia empregada.

**QUADRO 2 - As ações do enfermeiro diante da violência obstétrica**

N	AUTORES	TÍTULO	ANO	MÉTODO	RESULTADOS
01	NASCIMENTO et al.	Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto	2022	Pesquisa exploratória e descritiva	A análise dos dados resultou em categorias que possibilitaram discutir o enfrentamento da violência, os papéis profissionais e as ferramentas que possibilitam a execução de boas práticas no parto.
02	NASCIMENTO; SOUZA	A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica	2022	Pesquisa descritiva; revisão bibliográfica a partir da plataforma Google Acadêmico	A violência obstétrica trata-se de qualquer ato exercido por profissionais da saúde no que cerne ao corpo, aos processos reprodutivos e ao psicológico das mulheres, expresso através de uma atenção desumanizada, abuso de ações intervencionistas, medicalização e a transformação patológica dos processos de parturição fisiológicos
03	SOUSA et al.	Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem	2021	Revisão sistemática da literatura com metassíntese, com utilização do protocolo PRISMA.	O processo do parto é um acontecimento repleto de possíveis equívocos, condutas dolorosas e negligências, que podem gerar a violência obstétrica causando traumas físicos e psicológicos irreversíveis.
04	ZANCHETTA et al.	Ampliando vozes sobre violência obstétrica: recomendações de advocacy para enfermeira(o) obstetra	2021	Revisão integrativa da literatura.	O enfrentamento da violência obstétrica dar-se-ia por apoio familiar. Para a práxis renovada sugeriu-se a educação coletiva sobre direitos aos cuidados obstétricos (53,1%) e o atendimento humanizado (38,2%) mobilizando o poder profissional para consolidar a humanização. Temas analíticos centrais incluíram situação vivenciada pelas mulheres e contexto idealizado de prática.



05	CASTRO; ROCHA	Violência obstétrica e os cuidados De enfermagem: reflexões a partir da Literatura	2020	Revisão integrativa da literatura.	A ocorrência de humilhações no momento do parto e a realização de procedimentos desnecessários. O cuidado de enfermagem destaca-se na redução destes procedimentos invasivos, através de métodos não farmacológicos, o acolhimento digno, escuta ativa e apoio físico e emocional.
06	OLIVEIRA; ELIAS; OLIVEIRA	Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem	2020	Estudo qualitativo, com abordagem fenomenológica heideggeriana, com mulheres em fase reprodutiva	Revela-se que a violência obstétrica significou para as mulheres << Unidade de Significado 1 Ser conhecida por ouvir falar em cursos, palestras, internet, em relatos de pessoas amigas e sofrida por ela mesma; << Unidade de Significado 2 Machucar o físico, o psicológico e exercer uma pressão; << Unidade de Significado 3 Sentir-se incomodada, sem ter ajuda, sentir-se machucada no parto e não ter atenção.
07	MIRANDA et al.	Violência obstétrica na perspectiva dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto	2019	Estudo descritivo, exploratório de abordagem qualitativa, realizado em uma maternidade filantrópica de Belo Horizonte	Os enfermeiros participantes apontaram quais as técnicas, práticas e manobras que consideram ser violência obstétrica. Foi identificado diante das experiências dos profissionais que a ocorrência da violência obstétrica ainda é bastante praticada. Percebeu-se que profissionais da enfermagem possuem conhecimentos acerca da violência obstétrica, como também as suas práticas.
08	SOUZA et al.	Violência obstétrica: uma revisão integrativa	2019	Revisão integrativa	A violência obstétrica pode ser associada a: ofensa verbal e psicológica, expropriação do corpo feminino, privação de acompanhante, falta de informações, privação dos movimentos, banalização da dor e falta de privacidade. Possíveis causas: despreparo institucional e profissional, autoritarismo/hierarquização profissional, medicalização da assistência, nível socioeconômico e escolaridade das mulheres, e negação ou não reconhecimento da violência obstétrica.

09	ALEXANDRIA et al	Violência obstétrica na perspectiva dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto	2018	Estudo de natureza qualitativa	Os enfermeiros participantes apontaram quais as técnicas, práticas e manobras que consideram ser violência obstétrica. Foi identificado diante das experiências dos profissionais que a ocorrência da violência obstétrica ainda é bastante praticada. Percebeu-se que profissionais da enfermagem possuem conhecimentos acerca da violência obstétrica, como também as suas práticas.
10	MOURA et al	Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica	2018	Revisão integrativa da literatura	O enfermeiro buscar em sua assistência o vínculo com a parturiente para proporcionar um parto saudável, evitando assim a violência obstétrica. Para prevenir a violência obstétrica faz-se necessário uma assistência de enfermagem e um ambiente que proporcionem a autonomia da mulher gestante.

A busca dos resultados teve como premissa estudos que tivessem uma relação com a atuação do enfermeiro frente a violência obstétrica. Conforme a principal temática abordada a pesquisa realizada alcançou um total de 10 publicações, que foram organizadas, para facilitar a compreensão e análise. Entre os artigos selecionados foram encontrados, acerca do tema proposto, 05 artigos (com número 01, 02, 04, 09, 07) sobre as diferentes formas de violência obstétrica e suas causas e 07 (com número 01, 02, 03, 05, 06, 08, 10) sobre as ações do enfermeiro para a redução da violência obstétrica. Alguns artigos se enquadraram em mais de uma temática e, por isso, se repetiam nas diferentes categorias.

### **Categoria 1 – Ações do enfermeiro para a redução da violência obstétrica**

Desde o pré natal, é papel do enfermeiro orientar e esclarecer a parturiente sobre seus direitos, exercitar quanto a questões relacionadas a autonomia durante o trabalho de parto e o parto possibilitando que vivencie o parto de forma respeitosa, pois, Uma o desconhecimento dessas mulheres em relação ao próprio corpo e do processo fisiológico do parto podem auxiliam na assistência mais humanizada (CASTRO; ROCHA, 2020).

Durante a assistência de enfermagem, o profissional deve ouvir a parturiente, respeitando seu momento e seu tempo para a tomada de decisões, sua autonomia e o direito de permanecer com um acompanhante de sua escolha durante toda a sua internação. Algumas medidas também são fundamentais para a redução da ocorrência da violência obstétrica, entre elas a utilização de uma linguagem que seja acessível, não adoção de procedimentos técnicos e invasivos contraindicados, sempre a partir da avaliação do risco benefício (SOUSA et al., 2021).

Ainda em relação a realização de procedimentos invasivos, Castro e Rocha (2020), afirmam que a realização destes só devem ser realizados em virtude de complicações, e que o enfermeiro, antes da realização, deve explicar corretamente a mulher. Também é importante que a mulher seja encorajada quanto a utilização de métodos não-farmacológicos para alívio da dor, pois eles contribuem também para a oferta de um cuidado humanizado e que tenha intervenções desnecessárias. Entre os métodos não farmacológicos para o alívio da dor podem ser citados o banho de imersão e aspersão, massagens lombares, utilização de bolas de nascimentos, o “cavalinho”, exercícios respiratórios e as técnicas de aromaterapia e musicoterapia.

Um estudo publicado em 2020 que objetivou compreender o significado da violência obstétrica para mulheres a partir da aplicação de questionário, verificou que 90% de todas as entrevistadas não receberam qualquer aconselhamento em relação aos meios para a preservação de sua autonomia e direitos reprodutivos e sexuais durante o pré-parto, trabalho de parto, e pós-parto. A partir deste resultado, os autores ressaltaram a importância de fortalecer durante a consulta de pré-natal proporcionada pelo enfermeiro, a abordagem quanto a temas diversos e reflexivos que favoreçam a oferta de uma saúde integral de qualidade, curativa, preventiva e humanizada, onde não se verifique a ocorrência da violência obstétrica (OLIVEIRA; ELIAS; OLIVEIRA, 2020).

Pode ser citada como uma das principais formas de evitar a ocorrência de violência obstétrica a humanização do parto, uma vez que, trata-se de um processo que busca respeitar o corpo, as ideias assim como os desejos de cada mulher o que possibilita que o parto seja vivenciado em sua plenitude. Outro aspecto que merece ser pontuado refere-se a utilização de tecnologias em saúde assim como, a adoção das boas práticas em obstetrícia pois, possibilitam qualificar, prevenir, qualificar e alertar as melhores para se alcançar a oferta de uma assistência qualificada (NASCIMENTO et al., 2022, OLIVEIRA; ELIAS; OLIVEIRA, 2020).

Destaca-se a importância que os profissionais também estejam envolvidos na busca pela erradicação da violência, devendo buscar pela constante atualização de seus conhecimentos a partir da educação continuada. Cabe ressaltar que, o enfermeiro, como promotor de saúde, deve honrar com seu juramento e ofertar a essência de sua profissão que é o cuidado do ser humano por inteiro, de forma holística além de seguir as recomendações e contraindicações dos órgãos de saúde, reconhecendo e respeitando a cidadania das mulheres, preservando sua totalidade (NASCIMENTO; SOUZA, 2021).

Segundo Moura et al., demonstra ser fundamental, na busca por uma assistência ao pré natal e parto livre de violência que o profissional de enfermagem trabalhe a ambiência e busque proporcionar um ambiente que traga conforto tanto para os profissionais quanto para as pacientes. Para isso é importante que o enfermeiro valorize a essência humana e respeite as emoções e crenças durante o parto (MOURA et al., 2018, SOUZA et al., 2019).

## **Categoria 2 - Diferentes formas de violência obstétrica e suas causas**

No campo obstétrico a violência pode se apresentar de diferentes maneiras, uma delas, é a violência de gênero, na qual não é possibilitado a mulher expressar de forma livre os seus desejos ou preferências e, nesse contexto, destaca-se que muitas mulheres nem chegam a ter o conhecimento que esta forma de assistência configura-se como uma forma de violência de caráter obstétrico (NASCIMENTO et al., 2022).

Um fator que pode contribuir para a ocorrência de violência obstétrica é a falta de conhecimento do profissional e o pouco domínio. Demonstra ser relevante que a equipe de enfermagem ofereça condições adequadas a mulher, possibilitando que ela se sinta à vontade. Também é importante que o ambiente seja confortável e que sejam fornecidas as informações necessárias (NASCIMENTO et al., 2022).

Entretanto, um estudo que teve como objetivo avaliar o conhecimento de profissionais de enfermagem que se encontram envolvidos na assistência ao parto sobre questões relacionadas a violência obstétrica, por meio da realização de entrevista semiestruturada com enfermeiros, verificou que os profissionais participantes possuíam conhecimento sobre quais as técnicas, práticas e manobras que podem ser consideradas como violência obstétrica e afirmaram que a violência ainda é muito praticada apesar desse conhecimento (ALEXANDRIA et al., 2019).

Ainda podem ser citadas como formas de violência obstétrica a realização de procedimentos técnicos coercivos ou que não foram consentidos, negligência durante o parto, recusa em administrar analgésico, ausência de confidencialidade, violações de privacidade, recusa de internação (ZANCHETA et al., 2021).

Segundo o estudo de Nascimento e Souza (2021) cada enfermeiro possui uma percepção em relação a violência obstétrica sendo que alguns deles a relacionam com o abuso físico verificado nas manobras contraindicadas realizadas nas mulheres já outros, remetem ao abuso psicológico, que atmbém pode ser verificado a partir do emprego de frases esdrúxulas ou mentirosas referidas a elas. Entretanto, outros outros simplesmente não conseguem compreender e não consideram que alguns procedimentos contraindicados se relacionam a violência obstétrica, pois consideram eles são necessários para o andamento do parto, e ainda que a realização desses procedimentos tem por finalidade auxiliar parturiente, e desta forma, são benéficos para o binômio mãe-filho.

Podem ser citadas como outras formas de violência separar a mãe do recém nascido saudável, tricotomia, episiotomia e jejum, realizar cesariana sem indicação médica ou sem consentimento da cliente, privação de alimentos e ainda a realização de episiotomia sem comunicar a cliente, palavras ofensivas a tolém de que vaginal excessivo (MIRANDA et al., 2019).

Ainda pode-se ser citada como uma das causas de violência obstétrica o desconhecimento da gestante em relação aos seus direitos, e também por não conhecer sobre leis e programas governamentais que a amparam. Associado a isso está o fato que muitas gestantes confiam nas ações dos profissionais, colocando-os como os protagonistas do parto, e a parturiente como coadjuvante, o que reduz sua autonomia de decidir sobre o que será realizado (NASCIMENTO; SOUZA, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na assistência as mulheres durante o pré-natal e parto, diversas ações podem ser realizadas pelo enfermeiro, para a redução da ocorrência da violência obstétrica, como por exemplo, considerar os desejos da mulher, garantir seu direito a acompanhante, orientar sobre os procedimentos que serão realizados, considerar os aspectos sociais e culturais da gestante além da busca pelo profissional por ações de educação permanente.

Cabe ressaltar que todos os resultados encontrados nesta revisão integrativa demonstraram a importância das ações do enfermeiro na assistência ao pré-natal e parto para a redução da violência obstétrica o que para muitos autores, pode ser obtida a partir da realização de práticas educativas direcionadas ao profissional. Também reforçam a importância da mulher estar consciente do seu papel garantindo sua autonomia e participação efetiva nesse processo. Vale ressaltar a necessidade da realização de outros estudos que também focalizem o tema abordado complementando com novos resultados o que foi encontrado.

Espera-se que os resultados encontrados neste estudo possam contribuir significativamente para a conscientização e sensibilização do enfermeiro na assistência a mulher no pré-natal a partir das questões apresentadas que precisam ser fortalecidas, como por exemplo, a humanização da assistência e o protagonismo da mulher em todo esse processo.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRIA, S.T. et al. Violência obstétrica na perspectiva dos profissionais de enfermagem envolvidos na assistência ao parto. **Revista Cultura dos Cuidados**, v.53, n.3, 2019. Disponível em [https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/91758/1/CultCuid\\_53-119-128.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/91758/1/CultCuid_53-119-128.pdf). Acesso em 01 de novembro de 2022.

AMARAL, R. et al. Inserção do enfermeiro obstetra no parto e nascimento. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v.12, n.11, 2018. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-998037>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

ANS. Agência Nacional de Saúde Suplementar - ANS. **Painel de Indicadores da Atenção Materna e Neonatal**. Brasília, 2020. Disponível em <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2798/725>.

CARVALHO, S.; BRITO, R.S. Formas de violência obstétrica vivenciadas por puérperas que tiveram parto normal. **Revista Enfermeria Global**, São Paulo, v. 47, n.1, 2017. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v16n47/pt\\_1695-6141-eg-16-47-00071.pdf](https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v16n47/pt_1695-6141-eg-16-47-00071.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2022.

CASTRO, A.T.B., ROCHA, S.P. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. **Enferm. Foco**, São Paulo, v.11, n.1, 2020. Disponível em <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/2798/725>. Acesso em 01 de outubro de 2022.

GUEDES, C.D.F.S. et al. Percepções de gestantes sobre a promoção do parto normal no pré-natal. **Revista Ciência Plural**, São Paulo, v.3, n.2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/12869#:~:text=Resultados%3A%20As%20gestantes%20relataram%20que,e%20informa%C3%A7%C3%B5es%20sendo%20falhas%3B%20e>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

LIMA, B.C.A. et al. Nascimentos da cegonha: experiência de puérperas assistidas pela enfermagem obstétrica em Centro de Parto Normal. **Rev. Enferm. UFSM**, Santa Maria, v.11, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/46921>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

LANSKY, S. et al. Pesquisa Nascer no Brasil: perfil da mortalidade neonatal e avaliação da assistência à gestante e ao recém-nascido. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.30, n.1, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/Ss5zQXrmrGrGJvcVMKmJdqR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

MARTINS, L.F. et al. Violência obstétrica: Uma expressão nova para um problema histórico. **Revista Saúde em Foco**, São Paulo, v.11, n.1, 2019. Disponível em: [https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/03/034\\_VIOL%C3%AANCIA-OBST%C3%89TRICA-Uma-express%C3%A3o-nova-para-um-problema-hist%C3%B3rico.pdf](https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/03/034_VIOL%C3%AANCIA-OBST%C3%89TRICA-Uma-express%C3%A3o-nova-para-um-problema-hist%C3%B3rico.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2022.

MENDES, K.D.S.; SILVEIRA, R.C.C.P.; GALVAO, C.M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto – enferm.**, v.17, n.4, Florianópolis, 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/>. Acesso em 01 de setembro de 2022.

MELO, A.A.P. et al. Atuação do enfermeiro no parto humanizado. **Revista Científica Eletrônica de Enfermagem**, São Paulo, v.13, n.1, 2018. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/ClaOegJjJw8lyxQ\\_2018-7-26-10-46-43.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ClaOegJjJw8lyxQ_2018-7-26-10-46-43.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2022.

MOURA, R.C.M. et al. Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Enferm. Foco**, Curitiba, v.9, n.4, 2018. Disponível em <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1333/480>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

NASCIMENTO, D.E.M. et al. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing**, São Paulo, v.25, n.291, 2022. Disponível em <https://doi.org/10.36489/nursing.2022v25i291p8242-8253>. Acesso em 01 de outubro de 2022.

NASCIMENTO, R.C.; SOUZA, A.C.F. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. **REVISA**. São Paulo, v.11, n.2, 2022. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1379180>. Acesso em 01 de outubro de 2022.

OLIVEIRA, L.G.S.M.; ALBUQUERQUE, A. Violência obstétrica e direitos humanos dos pacientes. **Revista CEJ**, Brasília, v.22, n. 75, 2018. Disponível em [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_boletim/bibli\\_bol\\_2006/Rev-CEJ\\_n.75.03.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/Rev-CEJ_n.75.03.pdf). Acesso em 01 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, M., ELIAS, E.A.; OLIVEIRA, S.R. Mulher e parto: significados da violência obstétrica e a abordagem de enfermagem. **Rev enferm UFPE**, Pernambuco, v.20, n.1,

2020.

Disponível

em

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/243996/35217>.

Acesso em 01 de outubro de 2022.

SOUZA, L.M.M et al. A metodologia de revisão integrativa de literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, São Paulo, v.21, n.1, 2017. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/321319742\\_Metodologia\\_de\\_Revisao\\_Integrativa\\_da\\_Literatura\\_em\\_Enfermagem](https://www.researchgate.net/publication/321319742_Metodologia_de_Revisao_Integrativa_da_Literatura_em_Enfermagem). Acesso em 01 de setembro de 2022.

SOUZA, J.P.; CASTRO, C.P. Sobre o parto e o nascer: a importância da prevenção quaternária. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.30, n.1, 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/csp/a/9mJ58Vz8LsTBFQP9Q4BSZGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

SOUSA, M.P.V. et al. Violência obstétrica: fatores desencadeantes e medidas preventivas de enfermagem. **Revista Nursing**, São Paulo, v.24, n.279, 2021. Disponível em <https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/revistanursing/article/view/1707/1958>. Acesso em 30 de outubro de 2022.

VARGENS, O.M.C.; ALEHAGEN, S.; SILVA, A.C.V. Desejando parir naturalmente: perspectiva de mulheres sobre o parto domiciliar planejado com uma enfermeira obstétrica. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v.29, n.1, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1224567>. Acesso em 01 de setembro de 2022.